

CORPO, IMAGEM, MEIO

Uma Proposta Colaborativa em Ambiente Imersivo

Andreia Machado Oliveira

Resumo

Neste artigo abordamos alguns aspectos da performance colaborativa *Into the Midst*, realizada no centro de arte e tecnologia SAT/Montreal, a fim de se problematizar o conceito de imagem dentro da Cultura Digital. Tal conceito está fundamentado em Gilbert Simondon que concebe a imagem como um ciclo que contém quatro fases. Em *Into the Midst*, partimos de experiências voltadas ao orgânico até sua exploração no meio digital, com questionamentos de como se trabalhar relações entre corpo e meio em que não haja supremacia de um sobre o outro ou polarização entre analógico e digital. Nesta perspectiva, apontamos que a imagem somente ocorre em uma rede associativa que integra artificial e natural, indivíduo e social, corpo e meio.

Palavras-chave

Corpo, imagem, meio, *Into the Midst*.

Abstract

We examine various issues raised by the collaborative performance *Into the Midst* created by the SenseLab at the Société des Arts Technologiques [SAT/Montréal] in order to problematise the concept of the image within Digital Culture. In this article, we elaborate on the concept of the image in terms of a four-phased cycle as ideated by Gilbert Simondon. We engage critically with *Into the Midst* first through the organic experiences which gave rise to it and move to its complexification in the digital domain. Through this move we are able to modulate the relation between body and milieu to diminish the relative hierarchical importance between them and the polarisation between the analog and the digital. From this perspective, we advance that the image only occurs within an associative web that integrates the natural and the artificial, the individual and the social, body and milieu.

Keywords: body, image, milieu, *Into the Midst*.

A performance colaborativa *Into the Midst* (2012) é apresentada neste artigo sob o viés do conceito de imagem, com base no filósofo francês Gilbert Simondon (2008), a fim de explicitar relações de interdependência que ocorrem entre corpo e meio. Visamos problematizar como um conceito de imagem pode suportar as complexidades pertinentes à Cultura Digital na contemporaneidade. O conceito de imagem na tradição ocidental aparece polarizado entre imagem mental, imaterializada, ligada diretamente à imaginação e outra concreta, materializada, voltada à invenção, como apontado no livro *Imagination e Invention* (2008) em que Simondon, diferentemente, aborda “uma teoria da imagem a luz da noção de invenção e a invenção a luz da noção de imagem”.

Trazemos tais questões da imagem para o campo da Arte e Tecnologia, em um momento que nos encontramos submersos e constituídos pelas dimensões físicas e digitais. Como manter tal divisão entre imagem mental (relacionada às lembranças e construções mentais) e imagem concreta (relacionada aos objetos criados) em poéticas tecnológicas que entrecruzam aspectos do ciberespaço e do espaço geográfico? Falamos em territórios informacionais, cibercidades, ciberespaço, telemática, noções que nos levam a pensar nossa existência de uma forma expandida, não comportando mais concepções espaço-temporais antropocêntricas, exclusivamente físicas e mensuráveis em sistemas fechados.

Observamos que considerações iniciais do campo da Arte e Tecnologia tendiam a afirmações que separavam real e virtual, como se o virtual não fizesse parte do real, como se pudéssemos separar o real como a dimensão física e o virtual como a dimensão digital. Entretanto tais colocações cada vez mais não se sustentam, uma vez que as hibridizações entre ambas dimensões são constantes e crescentes, tanto em nível espaço-temporal como do próprio corpo, necessitando modos de pensar processuais, sistêmicos e mutáveis em um mundo híbrido e expandido. O real se constitui na própria produção da imagem, como Simondon coloca, “todos os objetos produzidos pelo homem são objetos-imagens que a imaginação concretiza” (Simondon, 2008, p. 13).

A imagem ocorre somente em uma rede associativa que conecta artificial e natural, indivíduo e social, corpo e meio. Nessa perspectiva, entendemos a imagem como integração entre físico e ciberespaço a partir de uma unidade entre os corpos e os meios, ou seja, a imagem se produz como mediação entre os corpos e os meios (geográficos e tecnológicos) de diferentes modos.

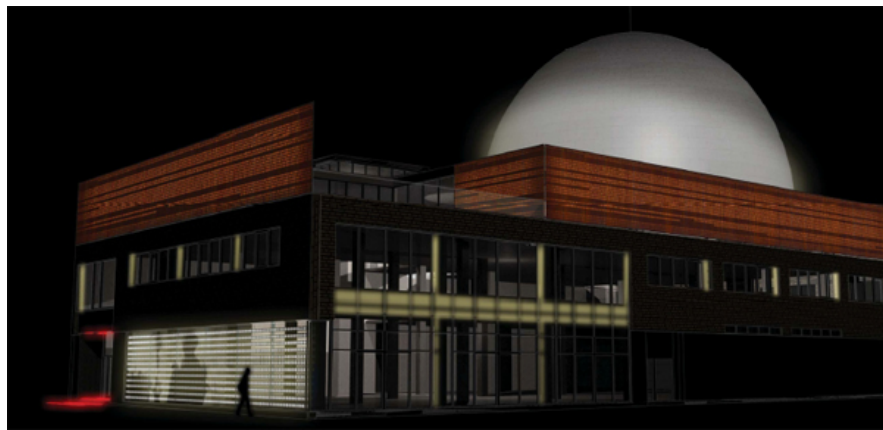
Tais abordagens teóricas são conjecturadas com alguns aspectos problematizados na residência artística realizada no SenseLab/Concordia University que resultou na performance colaborativa *Into the Midst*¹, desenvolvida no ambiente imersivo *Satosphere* do centro de arte e tecnologia SAT (Society for Art and Technology), em Montreal, 2012.

¹<http://senselab.ca/wp2/tag/into-the-midst/>

Alguns artistas e pesquisadores do grupo de pesquisa e criação SenseLab² participaram durante o ano de 2012 de encontros quinzenais, via Skype, para leituras e compartilhamento de imagens; da residência artística que ocorreu durante uma semana em outubro com momentos de leituras, oficinas de dança no SenseLab, de conhecimento de softwares no SAT e encontros para elaboração da proposta da residência e da performance colaborativa que integrasse o espaço interno e externo do SAT; e, finalizando, da performance colaborativa imersiva Into the Midst, que ocorreu no dia 22 de outubro na cúpula do SAT (Satosphère).

Corpo e meio na associação de imagens

O SAT³, situado no centro de Montreal, inaugurou em 2011 a Satosphère, com o objetivo de trabalhar experiências digitais imersivas, sendo um ambiente em grande dimensão, com projeção de 360o, que utiliza tecnologias digitais audiovisuais voltadas à imersão.



Society for Art and Technology, Montreal/Canadá.

Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Société_des_arts_tecnologiques.jpg

Considerando tais características da Satosphère, durante a residência artística do SenseLab, levaram-se algumas questões referentes à experiência da performance colaborativa na Satosphère: como trabalhar relações entre corpo e meio em que não haja supremacia de

² Participantes da performance Into the Midst: Andreia Oliveira, Andrew Goodman, Annette Svanecklink Jakobsen, Benjamin Burpee, Johanna Cairns, Rachel Nelson, Charlotte Farrell, Eleanora Diamanti, Hannah Buck, Mayra Morales, Nathaniel Stern, Patrick Lichty, Zila Muniz, Mahasti Mudd, Ana Ramos, Emily Beausoleil, Gerko Egert, Silvia Pinto Coelho, Marie-Pier Boucher, Louise Boisclair, Erin Manning, Brian Massumi, Alanna Thain, Bianca Scliar, Toni Pape, Troy Rhoades.

³ <http://sat.qc.ca>

um sobre o outro? Como pensar práticas que não polarizem experiências analógicas e digitais? Como fugir de certa ditadura da interatividade massiva em ambientes imersivos e interativos? “Como usar a estrutura imersiva da cúpula do SAT contra sua tendência de colocar em primeiro plano a ativação da sua tela de projeção? Como abrir a ideia de uma tela baseada em interatividade, como uma cúpula, que inclua a ativação do espaço como um todo?” (Manning, 2012, p. 1). Como não limitar a produção da imagem à projeção na tela?

A fim de se ponderar teoricamente tais questões de integração dos corpos com os meios geográficos e tecnológicos, levantadas em *Into the Midst*, trazemos o conceito de imagem de Gilbert Simondon (2008). Para o autor, a imagem resulta da relação corpo e meio, incorporando aspectos de interioridade e exterioridade. Assim, não podemos falar de uma imagem isolada produzida pela mente humana, mas em uma gênese da imagem que surge na intermediação entre os corpos e os meios. Todas as espécies produzem imagens e se diferenciam pelas relações entre as espécies com o meio onde estão associadas. Não há polaridades entre animal e humano ou humano e máquina, mas distinções de como cada um se organiza em seu meio na produção de imagens.

Em *Into the Midst*, pontuamos que não há uma separação entre corpo ativo que habita/utiliza um meio passivo; ao contrário, há uma dupla construção entre corpo e meio, sendo as imagens intermediadoras de tais construções. O corpo necessita daquele meio e este, daquele corpo, ocorrendo uma adaptação inventiva⁴. O meio constitui, sustenta, une, comunica os corpos. Não é um palco onde a cena se desenrola, um cenário onde somente os atores atuam, uma tela onde as tintas se misturam anonimamente, uma folha onde as palavras se subsequenciam. O meio permite a coesão, aglutinação, é onde as coisas podem se condicionar e formar algo. Se é produzido pelo meio e, simultaneamente, produz-se o meio, bem como se traz o próprio meio associado em nosso corpo, ou seja, a dissociação corpo e meio, figura e fundo, apresenta-se desprovida de fundamentação (Oliveira, 2010).

O meio atravessa os corpos, estando dentro e fora, como o ar que se respira, a água que constitui os corpos, a terra que os fecunda e/ou nutre. “Tudo também tem seu lugar no meio quando ele se amplia em volume, tudo se encontra aí. Como? Em contingência. Onde? Nas vizinhanças. No momento certo, eis a *Midstura*. Confluen- sobre o meio é pensar sobre a produção do próprio corpo, seus modos de funcionar, suas conexões e associações estabelecidas (Oliveira, 2010).

⁴ Os filósofos Gilbert Simondon e Gilles Deleuze enfatizam, em vários momentos de suas obras, essa relação construcionista entre corpo e meio associado.

Usualmente, no campo da Arte, a terminologia meio pode se referir ao meio pelo qual a obra foi constituída – meio pictórico, meio digital, meio sonoro –, bem como ao meio em que a obra se encontra – meio urbano, meio comercial, meio rural. O meio tecnológico diz respeito ao uso da tecnologia em si e o meio geográfico ao lugar de pertencimento deste uso, existindo uma causalidade entre os meios. Tal causalidade entre os meios tecnológicos e geográficos, Gilbert Simondon (1989) denomina meio associado. O meio associado é mediador da relação entre os elementos técnicos fabricados e os elementos naturais no seio dos quais funciona o ser tecno-estético, ou seja, o meio associado diz respeito ao meio tecnológico pelo qual a obra foi produzida e o meio geográfico em que ela se encontra – no momento de produção e de difusão –, sendo tais meios mediados pelo humano e resultando na obra de arte como um objeto tecno-estético (Oliveira, 2010). Em *Into the Midst*, o meio associado constituiu-se da projeção de imagens, amplificação do som, dimensão da cúpula, luminosidade, movimento dos participantes, ritmo dos corpos dentre outros. Durante a performance, percebemos a preocupação de explicitar e ativar os diversos elementos presentes naquele meio.



Imagem para a Performance Colaborativa Into the Midst no Dome do SAT, Andreia Oliveira, 2012.
Fonte: Fotografia de Andreia Machado Oliveira

Como um dos desafios iniciais da proposta era questionar como habitar aquele meio imersivo sem ser aniquilado por ele, sem promover a socialização dos corpos por sua passividade em relação ao meio, optamos pela utilização de diferentes tecnologias que interligassem o espaço interno e externo do SAT. Sobre questões referentes à passividade dos corpos, observamos presentes em algumas experiências imersivas que apresentam certa ênfase pelo fascínio da tecnologia digital, causando alienação à mesma.

Ao apontarmos que a imagem une os corpos e os meios, colocamos que a imagem é a própria experiência existencial, sendo uma realidade intermediária e temporária em certo meio associado, conforme apontam Simondon (2008) e Bergson (1990). A imagem propicia que os corpos se adaptem aos meios, sendo anterior à consciência do sujeito, uma vez que a imagem o produz, se desenvolve nele e se produz com relativa independência dele (Simondon, 2008). As imagens não são resultantes somente da consciência humana, elas são um germe “um mundo complexo de existência e proliferação”. Ela somente pode ser entendida em processo de desenvolvimento, em vir a ser, e não como imagem estática. “A imagem é um organismo estranho, dotado de dinâmica própria, ela é *exterior* ao sujeito, ainda que exista nele, como uma espécie de parasita que o habita e precisa dele para se desenvolver” (Kastrup, Carijó e Almeida, 2011, p. 62). Jean-Luc Nancy (2005), na mesma linha, aponta que a imagem é o que conseguimos distinguir do fundo ou do meio. Ela está em relação direta com o meio, todavia em níveis diferenciados.

Portanto, pensamos a imagem como existência e não apenas como representação da consciência, como intensidade de uma experiência que aporta as forças que habitam a própria experiência (Nancy, 2005). Para Jean-Luc Nancy, as linhas de uma imagem é sua força íntima e não sua representação, a imagem é sua própria força íntima, a imagem ativa tal força, a constrói e a retira, a extrai via sua retenção, e é com essa força que a imagem nos toca (Nancy, 2005, p. 11). A representação é apenas uma fase de simbolização da imagem, uma vez que entendemos a imagem como uma experiência atravessada por forças intensivas.

A gênese da imagem em Into the Midst

Na residência do SenseLab e na performance colaborativa Into the Midst ficamos as voltas com as imagens em diferentes explorações, partindo de experiências voltadas ao orgânico até sua exploração no meio digital. Procuramos “manter as condições claras, e torná-las simples e abertas o suficiente para que alguma coisa acontecesse, mas fechado o suficiente para que os limites pudessem ajudar a configurá-las” (Manning, 2012, p. 09). Ponderamos sobre propostas que mantivessem as imagens em constante deslocamentos e reconfigurações em diversos meios, isto é, imagens se tornando imagens. Imagens das oficinas de dança, dos percursos por Montreal, da performance da praça, se juntaram para compor o meio imersivo da SATosphere.

Neste sentido, a imagem é concebida dentro de uma abordagem sistêmica e processual da realidade. Ela não é um resultado, mas gera-se em um processo dinâmico com distintas fases, não estando restrita ao sentido da visão. Jean Nancy (2005), corroborando com Simondon, coloca que “a imagem não é somente visual: ela é também musical, poética, mesmo tátil, olfativa ou degustativa, sinestésica, e mais” (Nancy, 2005, p.10).

A imagem é estruturante e funcional, sendo um ciclo sempre se defasando em movimentos transdutivos, ou seja, há um ciclo da gênese da imagem em que a imagem encontra-se sempre em devir. Existe em uma diversidade polimórfica e evolutiva, em uma relação temporal entre imagem-lembrança no passado, imagem-percepção no presente e imagem-invenção no futuro. Simondon (2008) concebe a gênese da imagem como um ciclo que contém quatro fases interligadas transdutivamente: a imagem-motora, a imagem-percepção, a imagem-mental e a imagem-invenção.

Com a imagem-motora se criam condições para a adaptação do vivo e do não vivo ao seu meio. A partir de um efeito constante da atividade motora, a imagem cria uma situação a priori para uma identificação perceptiva futura do objeto. Gera-se um quase-organismo em um primeiro momento, um comportamento programado geneticamente que conduz o vivo e o não vivo ao seu meio associado, como uma espontaneidade de um padrão motor. É uma imagem produzida a priori do objeto e com pouca interação com o meio, sendo que depende fundamentalmente da estrutura motora do corpo. Deste modo, a imagem faz surgir o objeto para o sujeito, ela precede o objeto ao ser as condições estruturantes para que o objeto possa ser percebido. É a própria programação genética de um organismo sobre o seu meio (Simondon, 2008).

A fim de exemplificar a imagem-motora, trazemos situações referentes às condições de adaptação ao meio, ligadas à motricidade e ao instinto. Sabemos que os bebês ao nascerem não reconhecem a figura mãe, inicialmente, mas apenas uma forma indefinida que pode suprir sua necessidade motora de sucção e alimentação, apenas posteriormente terá a capacidade de reconhecer a figura da mãe, o objeto seio, mamadeira etc. Ainda, conhecemos o exemplo dos sapos que apenas reconhecem a presença do alimento mosca se este estiver voando, respondendo ao seu estímulo motor de capturar com a língua. A imagem-motora faz surgir o objeto para o sujeito via um efeito de constância da atividade motora. Atividades realizadas de modo automático e inconsciente que passam pelo paladar, pelo olhar, pelo tocar. Neste sentido, Oldenburg ao se referir ao seu trabalho, comenta: “Sou a favor da arte que solta pêlo... Sou a favor de uma arte penteada, que penda de cada orelha. Seja posta nos lábios e sob os olhos, depilada das pernas, escovada dos dentes, que seja presa nas coxas, enfiada nos pés” (Oldenburg In Ferreira & Cotrim, 2009, pp. 67, 68, 71).

Uma das primeiras atividades que ocorreu na residência artística foi cozinhar e comer alimentos de cor vermelha, sendo que a cor vermelha estava atrelada aos movimentos sociais ocorridos em Montreal durante 2012. O alimento vermelho esteve presente ainda na performance da praça, onde se ofereceu a comunidade e se misturou com a linha que tramou uma rede de crochê entre os participantes da performance. Nas oficinas de dança, durante a residência, exploramos a misturas dos corpos, os afectos e afecções que os corpos produziam uns sobre os outros. Imagens estas aguçadas e voltadas aos estímulos motores corporais.

A partir do esquema corporal se faz a projeção de uma imagem-motora sobre o meio (Simondon, 2008, p.43). “A imagem na situação motora primitiva pré-perceptiva” (Simondon, 2008, XXIX) é uma imagem intra-perceptiva que apenas faz a distinção de figura e meio. A motricidade precede a sensorialidade perceptiva, pois para que ocorra o estímulo/resposta é necessário um nível elevado de organização para recepção dos signos (Simondon, 2008).

Na performance coletiva realizada na praça ao redor do SAT, incorporamos os elementos referidos anteriormente ao meio, na perspectiva de explorar os signos ali contidos. Com relação ao ciclo da imagem simondoniano, podemos dizer que nos direcionamos à exploração da segunda fase: a imagem-percepção. Tal imagem possibilita a interação do sujeito com o meio exterior e o objeto se constrói na experiência presente. Há uma série de respostas e os estímulos ocorridos a partir da ação dos signos incidentes em associado sobre o vivo e o não vivo, as imagens vão se organizando progressivamente, sendo causa e efeito da experiência. A imagem não é passiva, mas atividade diferencial que surge a todo momento (Simondon, 2008). Imagem-percepção evoca uma ação com o objeto a partir da percepção dos signos do meio. Assim, o objeto se constrói na experiência, no momento presente, como uma reação ao meio.

Como o final da residência artística culminaria na performance *Into the Midst*, de algum modo as imagens produzidas ao longo da residência estariam presentes. Quando as imagens permanecem presentes, mesmo com a ausência do objeto capturado pela percepção, nos referimos à imagem-mental, o terceiro ciclo da imagem. A imagem-mental surge de modo análogo com o meio exterior.



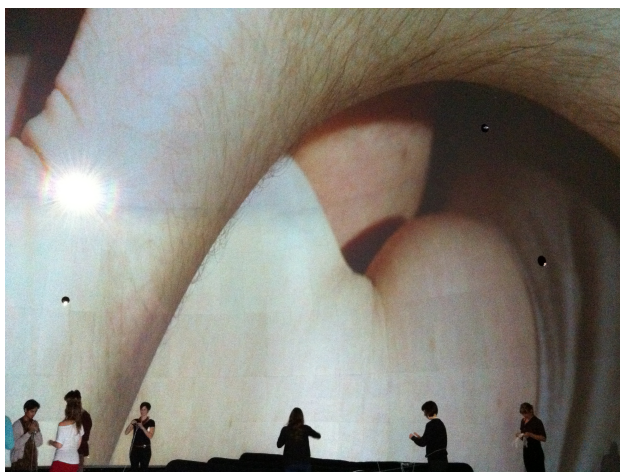
*Performance Colaborativa na praça próxima ao SAT, 2012.
Fonte: Fotografia de Andreia Machado Oliveira*

Posterior às imagens-motoras e imagens-perceptivas, as imagens-mentais se organizam e se sistematizam em um modo mental em ressonância afetiva-emotiva com o meio exterior. As lembranças consistem em imagens que se conservam quando a situação, objeto ou experiência não existem mais (Simondon, 2008).

Levamos para a SATosphere do SAT nossas imagens-motoras, imagens-percepção, imagens-mentais para construir imagens-invenção produzidas ao longo da experiência da residência artística. Salientamos que mesmo que todas as quatro fases do ciclo da imagem estavam presentes, simultaneamente, em todas as etapas da residência do SenseLab, escolhemos relacionar, neste artigo, cada fase do ciclo da imagem a uma etapa da residência a fim de compreender melhor cada fase e etapa.

Em *Into the Midst*, nos detemos na imagem-invenção, sendo que esta produz uma mudança espaço-temporal com o meio. A invenção surge a partir de uma mudança constante de organização e sistematização das imagens perante as abordagens do meio com as novas antecipações (Simondon, 2008, p. 179??). A imagem-invenção está diretamente relacionada a invenção técnica e estética, onde a imaginação criativa ocorre pela capacidade de inventar objetos tecno-estéticos a partir da capacidade de simbolização e comunicação.

Durante uma das oficinas de dança, as imagens-mentais da série *Incorporações* (2010) foram ativadas, suscitando a necessidade de fazer registros de momentos dessa oficina. Tais registros foram levados para a SATosphere e trabalhados, gerando imagens-invenção que simbolizadas se comunicavam com o que acontecia coletivamente naquele ambiente imersivo: a feitura da trama do crochê, a amplificação do áudio que continham frases convidativas sensuais em diversos idiomas, as demais imagens projetadas, movimentos corporais que procuravam ativar o espaço para além da projeção, dentre outros elementos.



Performance Colaborativa Into the Midst no Dome do SAT, 2012.
Fonte: Imagens e Fotografia de Andreia Oliveira

A imagem-invenção se concretiza em objetos técnicos e estéticos, sendo os mesmos efeitos das atividades de invenção, bem como “uma abertura a realidades primitivas não previstas. Deste modo, a imagem-invenção modifica as condições de sua existência natural” (Simondon, p. 179). Neste sentido, Simondon se refere a gênese da imagem como um ciclo que não se finda em uma fase específica, a imagem-invenção não é a finalização do ciclo, mas apenas uma fase que se relaciona com as demais. “Depois da invenção, quarta fase do devir das imagens, o ciclo recomeça, por uma nova antecipação de reencontrar o objeto, que por ele se produz.” (Simondon, 2008, p. 3).

Para Simondon, “o processo de invenção se formaliza de maneira mais perfeita quando produz um objeto separado ou uma obra independente do sujeito, transmissível, que pode ser colocada em comum, constituindo o suporte de uma relação de participação acumulativa” (Simondon, 2013, p. 184). Essa capacidade de criar objetos é algo que diferencia os humanos de outras espécies, não sendo colocado como algo superior, uma vez que muitos animais não criam objetos por não necessitarem, já que seu corpo supre o que é necessário para se conectar ao meio e aos demais seres. Todavia, observamos em algumas espécies algumas produções que poderíamos pensar como produção de objetos, como as teias de aranhas. Para Simondon, o objeto criado “é por sua origem, e segue sendo, por sua função, um sistema de acoplamento entre o vivente e seu meio, um ponto duplo no qual comunicam o mundo subjetivo e o mundo objetivo”. (SIMONDON, 2013, p. 210).

“A invenção é realizada com ocasião de um problema, mas os efeitos de uma invenção superam a resolução de um problema” (SIMONDON, 2013, p. 193). O objeto criado é fruto de uma conectividade, “incorpora, de maneira involuntária, outros efeitos do universo, pois geralmente não existe solução perfeita a medida de um problema particular”, ela aporta modos operatórios (p. 150) e se dá em um meio associado (153). O objeto criado quanto mais concreto mais engloba a realidade natural. Assim, nesse artigo problematizamos a relação corpo e meio na performance coletiva *Into the Midst*, tendo a imagem como mediadora.

Tal resolução do problema ocorreu de modo coletivo em todas as etapas da residência ao receber provocações particularizadas em determinados momentos. “A resolução dos problemas dos grupos se vê facilitada por todo aquele que aumenta a plurivocidade das atividades em cada participante membro do grupo”. (SIMONDON, 2013, p. 206). Sem hierarquia de posições, o grupo ia produzindo seus encontros e deslocamentos, já que “o grupo se torna organismo na medida em que cada membro modula os demais, é nesse momento que o grupo se torna capaz de criação, em lugar de ser um sistema hierarquizado de execução.” (SIMONDON, 2013, p. 206). Assim, retomamos “o objetivo então: criar condições que possibilitem uma individuação coletiva” (Manning, 2012, p.3).

Referências

BERGSON, Henri. *Matter and Memory*. Translators N.M. Paul and W.S. Palmer. Zone Books, 1990.

KASTRUP, Virginia; CARIJÓ, Filipe Herkenhoff; ALMEIDA, Maria Clara de. O ciclo inventivo da imagem. In *Informática na Educação: teoria & prática* ISSN impresso 1516-084X ISSN digital 1982-1654. Porto Alegre, v. 15, n.1, jan./jun. 2012.

NANCY, Jean-Luc. *The Ground of the Image*. New York: Fordham University Press, 2005.

OLDENBURG In FERREIRA, Glória & COTRIM, Cecília (org.). *Escritos de Artistas: anos 60/70*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2009.

OLIVEIRA, Andréia M., *Corpos Associados: Interatividade e Tecnicidade nas Paisagens da Arte*. 2010. 232 p. Tese de Doutorado em Informática na Educação. PGIE, UFRGS, Porto Alegre, 2010.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos Midsturdos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SIMONDON, Gilbert. *Du mode d'existence des objects techniques*. Paris: Editions Aubier, 1989.

SIMONDON, Gilbert. *Imaginacion e Invencion (1965-1966)*. Buenos Aires: Editorial Cactus, 2013.

SIMONDON, Gilbert. *Imagination et Invention (1965-1966)*. Chatou: Lês Éditions de La Transparence. 2008.

MANNING, Erin. *Dancing Constraint*. *Archée - Revue d'art en ligne: arts médiatiques & cyberculture*. 2012. Disponível em: <http://archee.qc.ca/ar.php?page=article&no=445>. Acesso em: 12 jan. 2013.

Sobre o Autor

Doutorado em Informática na Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS - Brasil e pela Université de Montreal/UdM - Canadá, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela UFRGS e Graduada em Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais pela UFRGS. Atualmente é membro dos grupos de pesquisa: Corpo, Arte e Clínica - UFRGS; SenseLab - Concordia University; Arte e Tecnologia - UFSM; gpc.InterArtec/Cnpq (líder) e coordenadora do LabInter (Laboratório Interdisciplinar Interativo) - UFSM. Artista multimídia e pesquisadora com experiência na área de arte e tecnologia em sistemas interativos e tecnologias criativas. Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais, do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais no Centro de Artes e Letras e do Programa de Pós-graduação em Tecnologias Educacionais em Rede no Centro de Educação. Coordenadora do PARFOR e PROLICEN na PROGRAD/UFSM. Membro da Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas/ANPAP.